

AMERICA



LETRAS
ARTE
CRITICA

1947

ano Sá :
BIBRA :
N.º 325



Libraria T. França Amado, S.^{or}

LISBOA — PORTO — COIMBRA

RUA DE FERREIRA BORGES, 103 A 111

COIMBRA

ENCADERNAÇÕES EM TODOS OS GÊNEROS

: ARTIGOS DE PAPELARIA E ESCRITÓRIO :

::: FORNECIMENTOS PARA ESCOLAS :::

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS

TIPOGRÁFICOS, SIMPLES E DE LUXO,

COM A MAIOR RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

Últimas publicações

- Eugénio de Castro — *Camafews Romanos*.
» » » — *Tentação de S. Macário*.
» » » — *Canções desta negra vida*.
» » » — *Cravos de papel*.
Mafalda de Castro — *Botões de Rosa*.
Rocha Martins — *A Independência do Brasil*.
Teixeira de Pascoais — *O Bailado*.
» » » — *Cantos Indecisos*.
» » » — *Poetas Luziadas*.
» » » — *Maranos*.
César de Frias — *Nossa Senhora Eva (versos)*.
» » » — *Grandes Núpcias (romance)*.
João Ameal — *Em voz alta e em voz baixa*.
» » — *Os olhos Cinzentos*.
» » — *Religião do Espaço*.
Hipólito Raposo — *Caras e Corações*.
» » — *Seara Nova (romance)*.
Vicente Arnoso — *Cantigas e mais cantigas*.
Conselheiro Dr. António Cabral — *Terras Longínquas*.
Armando Ferreira — *Crônicas de Viagem*.
Dr. Bettencourt Rodrigues — *Medicina e Médicos*.
Mario Saa — *Poemas heroicos de Simão Vaz de Camões*.
» » — *Camões no Maranhão*.
Dr. Marnoco e Sousa — *Das Letras, livranças e cheques, vol. I (2.ª edição)*.
Dr. Mendes dos Remédios — *História da Literatura Portuguesa (5.ª edição)*.
Dr. Pacheco de Amorim — *Geometria (3.ª, 4.ª e 5.ª classes dos Liceus)*.
António Sardinha — *Na Côte da Saudade*.
» » — *Chuva da Tarde*.
Henrique Trindade Coelho — *Prosas e versos de Belchior da Nóbrega*.
Dr. Fernando de Vasconcelos — *Os progressos da Indústria Agrícola no Brasil*.

*Plan. História Escritura
Manoel de Sousa Pinto*

CONIMBRIGA

Revista mensal de Arte, Letras,

✱ ✱ ✱ Ciências e Crítica ✱ ✱ ✱

GRUPO FUNDADOR

VALDEMAR DA SILVA LOPES — DIRECTOR - GERENTE
CAMPOS DE FIGUEIREDO — " - LITERÁRIO
DR. GERMANO VIEIRA — " - ARTÍSTICO
ANTÓNIO GOMES D'OLIVEIRA — SECRETÁRIO E EDITOR

ANO I

COIMBRA

N.º I

17 DE MARÇO DE 1923



Composto e impresso na LVMEN
R. Ferreira Borges - COIMBRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Abílio Roque — COIMBRA

SUMÁRIO

ANTES...

MAU FADO — *Augusto Gonçalves.*

INCENDIO — *Teixeira de Pascoais.*

PÁGINA BÁRBARA — *Augusto Casimiro.*

ARGEL — *Afonso Lopes Vieira.*

MÁXIMAS — *Antonio Ferreira Monteiro.*

O CANTAR DO GRILO — *Correa Calderon.*

SAUDADE — *Valdemar Lopes.*

DIÁLOGO DO REI E DO MENDIGO — *Campos de Figueiredo.*

SOBRE A PINTURA DE VÁZQUEZ DIÁZ — *Vitorino Nemésio.*

CRÓNICA — *Gomes d'Oliveira.*

PRELÚDIO — *Menezes Cardoso.*

DESENHOS de Vázquez Díaz, de José de Seabra e G. Vieira.

CAPA — Gravura em madeira, de G. Vieira.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Correia d'Oliveira, Raul Brandão, Eugénio de Castro, Garcia de Vasconcelos, Moreira de Sá, Vergilio Correia, João Ameal, Alberto Sousa, Fausto Gonçalves, etc.

antes . . .

Uma árvore de grande circunferência nasceu de uma raiz tão delgada como um cabelo; uma torre de nove andares saiu de um punhado de terra; uma viagem de mil léguas começou por um passo.

LAU-TSEU.

A revista ai está. Realisámos o que ontem era ainda uma utopia, sem o estrepitoso espalhafato dos anúncios ridículos e do reclame habitual. Desde o início assentámos sempre em que o nosso programa fosse exposto em poucas palavras, mas claras. No nosso país toda a gente sabe que os autores de programas eloqüentes fazem lembrar uma "locomotiva que gastasse toda a sua energia a apitar, ficando depois sem fôrças para mover as rodas". Entendemos que o programa consiste nestas palavras: Arte, Letras, Sciência e Crítica.

Literariamente, não nos apresentamos com a pretensão estulta de reformar a literatura nacional. Ela se reformará por si, como historicamente tem sucedido, a dentro das leis da evolução natural, sem a intervenção de mentores e orientadores improvisados. Nem mesmo seríamos nós — humildes moços cuja maior e mais louvável qualidade consiste na boa vontade que nos anima e na intenção rasoável e cheia de fé de conseguirmos aquilo que os competentes e famigerados bonzos das letras pátrias não conseguem realizar — nem mesmo seríamos

nós quem viria iniciar uma nova escola, bussolando os náufra-
gos da literatura moderna.

Seremos simples e claros para que ninguém possa acusa-
-nos de que "turbamos as nossas águas para que elas pareçam
muito profundas". Falta-nos o génio, aquele poder de criação
que só é dado aos deuses; por isso não pretendemos atingir
as grandes altitudes do pensamento transcendente.

Em arte pretendemos mostrar que em Coimbra há revela-
ções de incontestável merecimento, artistas dignos da maior
admiração. Ninguém tem o direito de exigir melhor, se pensar
que todos eles têm sido mestres de si mesmos!

Em matéria de ciência, não nos propomos inventar a
noite escura. Os problemas científicos serão aqui tratados por
quem tiver autoridade e competência para tal, tornando-se
responsável pelas suas afirmações.

E agora cá estamos.

Seremos imperfeitos? Mas quem há aí que nos atire a
primeira pedra?



MAU FADO

ÊSTE título *Conimbriga* é um programa. Pelas suas paisagens, os seus edifícios, a sua história, as suas lendas, a sua literatura, a sua poesia, a sua arte, seria a mais atraente cidade portuguesa, se os atentados dos bairristas a não tivessem despojado da sua fisionomia antiga e pitoresca.

Destruíram-lhe os monumentos medievais, em flâucias de progresso, para lhe dar um aspecto de civilização brilhante.

O último foi a igreja romaica de S. Cristóvam. E S. Tiago salvou-se pelo escândalo!

Era uma cidade da Renascença, que durante um século aqui produziu a mais formosa estatuária. E, em arquitectura, ergueu construções admiráveis e únicas.

E todas essas opulências da grandesa passada foram aniquiladas. E o que resta vai desaparecendo dia a dia, numa senha pavorosa de insensibilidade e inconsciência!

Nem admira. Sabe-se que a educação de arte é banida nas escolas. Homens de cultura vasta e de sociedade nunca no espírito lhes passou o clarão emotivo de uma impressão de arte. Ministros de estado e altos burocratas nunca entraram num museu!...

País singular!...

Êste mal geral, em Coímbra, atinge esgares burlescos. Com o devido respeito, basta ver nas folhas os lampejos scintilantes de crítica, que segregam os missionários da arte, a propósito de todas as florescências do talento indígena!...

A aspiração do Turismo, como fonte de prosperidade, penetrou em Portugal e estendeu-se facilmente. Mas a realização prática caíu logo nos moldes da lusitana. Criou-se uma grande e ociosa repartição do estado, e traçaram-se projectos mirabolantes!

Em Coímbra brotou a Sociedade de Propaganda, pródiga de iniciativas. Inventou o célebre triângulo e o mirante de Penacova, que é o potente magnete, para a atracção do estrangeiro!...

Mas, com a ligeireza com que aplaudimos as coisas vagas e confusas, haverá quem pisme dêste caso jocoso e desconhecido, que vou citar:

— Pelo decreto, n.º 4700, na classificação das — Terras do turismo, — Coímbra figura na 2.ª classe, entre Caxias e a Cruz Quebrada!... a par das Têrmas dos Cucos e Unhais da Serra!!!...

¡E a Propaganda, a imprensa e todos nós contentíssimos!...

A. AUGUSTO GONÇALVES



INCÊNDIO



Emana um fumo de alma
O crepitar do lume;
O incêndio de uma flor
Dá a cinza do perfume.
O corpo de uma onda
É o líquido brazeiro
Que escala, numa ânsia,
O branco nevoeiro.
A rama dos pinhais
Onde o luar se perde
Sôbre os montes espalha
Uma fogueira verde.
Nas formas de um penedo,
Há chamas escondidas;
Brilham na noite escura
As rezas acendidas.
E vejo um lírio aceso
Em rósea labareda.
A noite leva a arder
O hábito de seda.
O orvalho tem no seio
Um riso incandescente.
A creatura humana
É fogo intimamente...
Eis o incêndio supremo
E santo da Matéria,
Donde sai uma luz
Anímica e sidéria...

TEIXEIRA DE PASCOAIS

PÁGINA BÁRBARA

A FILA dos carregadores já vai longe. Sob o Sol que esmaga, arde o caminho branco... Nem uma aragem... E orlando o caminho, o capim ressêco é um lago de oiro estagnando ao Sol.

* * *

Meneando as ancas no mole avançar da marcha, à cabeça a *quinda* leve e um bordão alto de junco na mão dextra, uma mulher segue, longe da caravana, amórada, retardando...

Do busto, à altura dos seios, cai um pano berrante, cingindo as curvas fartas, modelando a esbeltês selvagem dum corpo harmonioso e preguiçoso. Na areia do caminho, as pégadas pequenas quási se arrastam...

O branco vem perto... Longe vai a caravana... Orla o caminho o ~~mato~~ virgem com recessos inviolados... Nem uma aragem... Na harmonia da marcha o corpo dela rescende acre desejo, — tenta... O rolar das ancas, intencionado e languido, prende as pupilas, seca os lábios, ergue num rodilhão o sangue moço, acendendo tumulto... Em roda, o meio dia sob a luz apoplética, arfa, congestionado...

Sob o pano vivo, no compasso da marcha, vão os olhos tateando, sofregos, modelações de ardência...

Leembras-te?...
foi assim...

Prelúdio

Menezes Cardoso

All.^o giocoso

First system of musical notation, treble and bass clefs, common time signature. The treble clef part begins with a series of eighth notes, while the bass clef part has a few notes.

Second system of musical notation, treble and bass clefs, time signature change to 3/4. The treble clef part features a series of chords, and the bass clef part has a few notes. The tempo marking *And.^o affabile* is present.

Third system of musical notation, treble and bass clefs, time signature change to 3/4. The treble clef part has a few notes, and the bass clef part has a series of eighth notes.

Fourth system of musical notation, treble and bass clefs, time signature change to 3/4. The treble clef part has a few notes, and the bass clef part has a series of eighth notes.

Fifth system of musical notation, treble and bass clefs, time signature change to 3/4. The treble clef part has a series of eighth notes, and the bass clef part has a series of eighth notes. The tempo marking *Appassionato* is present.

Sixth system of musical notation, treble and bass clefs, time signature change to 3/4. The treble clef part has a series of eighth notes, and the bass clef part has a series of eighth notes. The tempo marking *col. 8.^o inf.* is present.

col. 8. inf.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff contains a continuous sequence of eighth notes, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff contains a bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff. The text 'col. 8. inf.' is written below the first measure of the lower staff.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the sequence of eighth notes from the first system, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff continues the bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the sequence of eighth notes, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff continues the bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff.

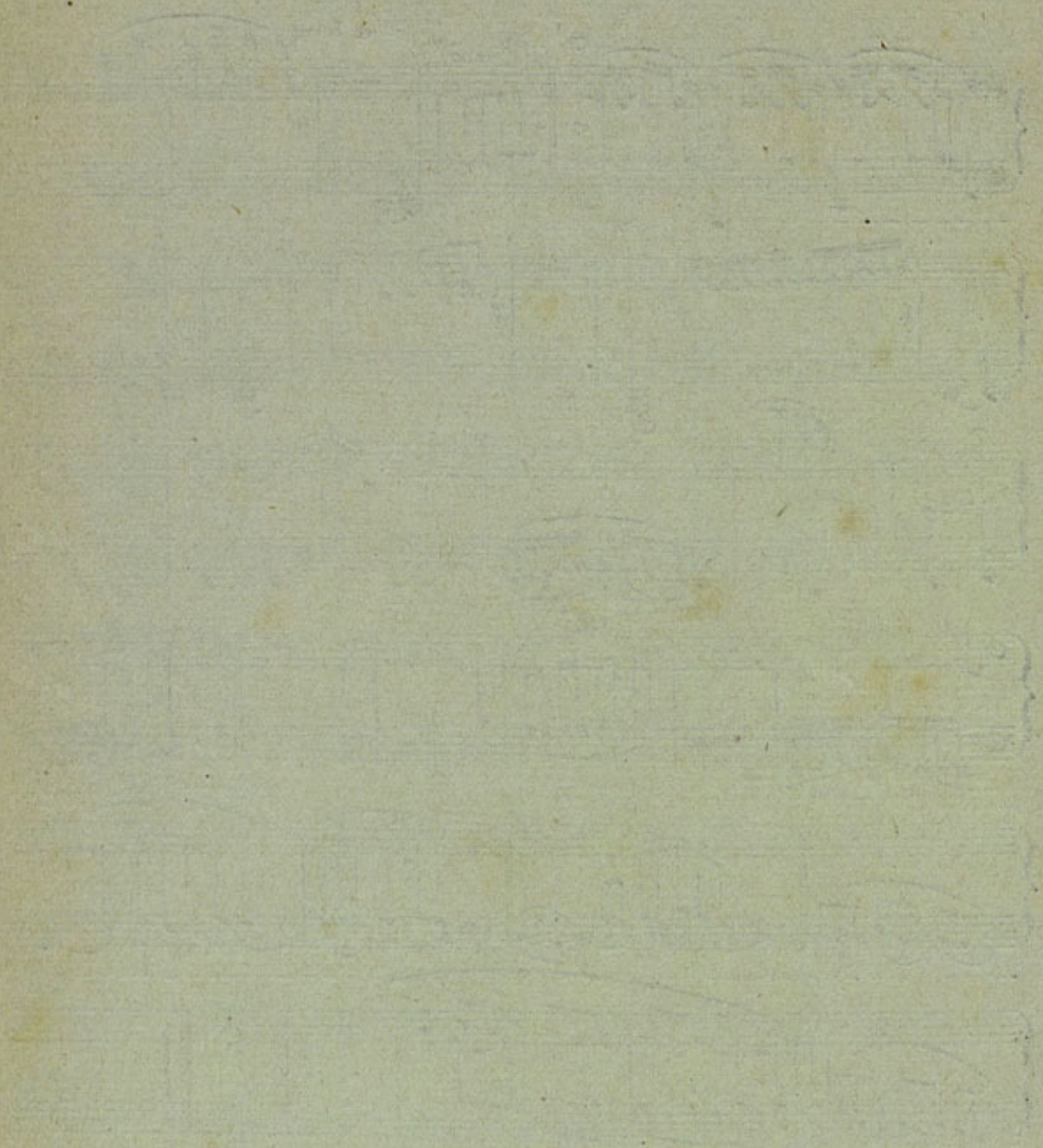
The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the sequence of eighth notes, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff continues the bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff. A time signature change to 2/4 is visible at the beginning of the second measure of the upper staff.

The fifth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the sequence of eighth notes, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff continues the bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff.

The sixth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the sequence of eighth notes, grouped into four measures by large curved brackets. The lower staff continues the bass line with dotted rhythms and rests. A small 'y' symbol is placed above the first measure of the upper staff. A time signature change to 2/4 is visible at the beginning of the second measure of the upper staff.

This page contains a handwritten musical score for a piano piece, consisting of six systems of staves. The notation includes various dynamics, tempo markings, and articulations.

- System 1:** Features a treble clef and a common time signature. The tempo marking is *All.^o mod^o*, followed by *a tempo*. Dynamics include *f* and *p*. A *rall.* marking is present.
- System 2:** Includes a bass clef. Dynamics include *f* and *p*. A *rall.* marking is present. The tempo marking is *dolente*.
- System 3:** Includes a bass clef. Dynamics include *pp* and *p*. A *rall.* marking is present. The tempo marking is *And.^{te} dolente*. There are also markings for *chessa* and *chessa*.
- System 4:** Includes a treble clef. The tempo marking is *All.^o dolente*. The marking *smalite* is present. The tempo marking *And.^{te}* is present. The marking *Amorevole parlando* is present. The marking *8^o inf.* is present.
- System 5:** Includes a treble clef. The tempo marking is *And.^{te}*.
- System 6:** Includes a treble clef. The tempo marking is *And.^{te}*.



* * *

Frente a frente, o estrangeiro e ela encaram-se um momento. Êle é da raça dos dominadores, dos que incendeiam e arrazam, dos que curam doentes e protegem o negro. É branco, e daqueles que escravizam o desejo sem limites, a justiça serena. É o senhor que nada teme. O que nunca, à gente da raça dela, deu o espectáculo dum vencido implorando perdão. É o branco, o que ensina aos *muguengos*, aos *helamatari* e a todos, o caminho da África, e lhes deu a Terra sem lhes dar coração...

Ela é a fêmea duma raça dominada em que se apavoram ainda, memórias de passadas tiranias.

A fôrça brutal subjuga-lhe a embrionária alma.

A brutalidade fascina-a, o odor acre do sangue e a embriagante luz do meio dia espicaçam a sua puberdade, geram âncias famintas de ferozes lascívias. Domina-a o pavor e o cio, muito longe, nas entranhas ardentes do seu ser primitivo. E à flor do seu entender, sobrenada, tentando, a lembrança de generosas dádivas. É generoso o branco. Mulher que êle desnude, veste-a depois de galas, cinge-a de panos lindos. E pela voz do branco, pela voz rouca e opressa, falou o desejo...

Ela é todo o horror de uma recusa. Os olhos protestam, a cabeça vibra sôbre os ombros contraídos, — uma negativa violenta:

— Ah! *Duma! Chico!*...

E é um horror sagrado o que ela parece dizer nas palavras desvairadas, cingindo os seios redondos com as mãos como garras.

Brutalissimamente, nas artérias vibrantes, o sangue bate compassos de catapulta.

A luz violenta distila excitações, num espasmo.

A montada agora avança mais rápida, quási toca a amó-
rada caminhante...

Num sobressalto, segurando a *quinda*, com as mãos em asa
de ânfora numa corrida súbita larga o caminho, deixa o bordão
cair...

Depois, num receio sem causa, volta a cabeça e olha...
Os olhos dela, felinos e de fêmea em cio — pávidos, hostilizam
e animam...

Sob o pano firme tremem os seios rijos. Um arôma acre
passa na luz ardente.

Adivinham-se, erectos, vibrantes, os bicos dos peitos sob o
pano firme. A expressão do rosto é inimiga e estranha. Mas
nos olhos selvagens, no esbraseado escuro da pupila vogando
em brancura, há uma promessa hostil de volúpia, uma especta-
tiva de violência seduzindo a irritar de desejo e, num receio, a
entregar-se, excitando.

* * *

Muitas vezes, quando a luz morria numa agonia plácida,
pelos crepúsculos ligeiros, se desudara aquele corpo sôbre os
tapetes da sua tenda errante. Silenciosa ela vinha, como a luz
partia. A pequenina tenda vira a brônzea escultura silenciosa,
de geitos moles e felinos, dando-se ao desejo bárbaro do estran-
geiro... Horas sem alma em que se escuta o sangue marte-
lando artérias... Horas rudes, sem alma, em que o estrangeiro
busca, cheio de sêde, uma sombra de água, que a sua vida, sem
carinho e sósinha, como um órfão exige...

Dum salto, a montada, sob o aguilhão do acicate, vai sôbre a prêsa a derrubá-la quási. A *quinda* rola, e como a corça fugindo à queimada, sem ver obstáculos, num pavor de desvairo, ela foge na direcção da selva, fustigando o corpo no capim bravo, flagelando a carne nos arbustos rudes:

— Ih! *Maman! Maman!*

E o pavor guincha na sua voz de louca, uiva pavor, excita o sangue e o ar...

Galopando, todo curvado sôbre a sela, como um centauro ébrio de carnalidade, o estrangeiro persegue-a. Vai-a tomar, cingí-la, derrubando-a ou erguendo-a ao alto, prêsa na garra violenta e saudosa dum montante antigo. Nervosa, no colear da fuga, ela esgueira o corpo, é mais veloz agora, sufocando os gritos, rumorando pânico.

Mato pleno... Uma árvore mais alta e copada e verde derrama sombra, domina o incêndio e o capim em redor... Ela estaca, voltando-se. As rédeas estalam num repelão súbito, o estrangeiro quebra o corpo, brutalmente, quási sôbre a garupa. Ofegante, o animal estacou também...

Nua — caiu-lhe o pano das alturas do seio, livre das suas mãos — o corpo dela é uma estátua de bronze salva dum naufrágio, escorrendo ainda.

Nos joelhos riscados há rubis de sangue. Os seios, como taças de sombra, arfam numa carreira. O pescoço é uma torre morena, sôbre os ombros — dois versos rimados. Os lábios finos abrem a rosa brava dum sorriso sem alma, em que o mêdo se evola, e palavras de entrega balbuciam, contentes. Os olhos, largos, doces, de antílope, são lagos lascivos em que o pavor se morre, e há brancuras em alvo, de espasmo.

Sob as colinas mansas, trémulas, do seio — o ventre liso, entre as ancas vibrantes, espraia harmonia, retém num esforço desvarios lúbricos, agitações oceânicas, na tormenta do cio.

E sôbre os pés sangrentos, pequeninos — erguem-se de mármore negro, as colunas fortes, firmes, envolventes, afagantes ao alto, com rubis ao meio, como cravos, manando . . .

AUGUSTO CASIMIRO

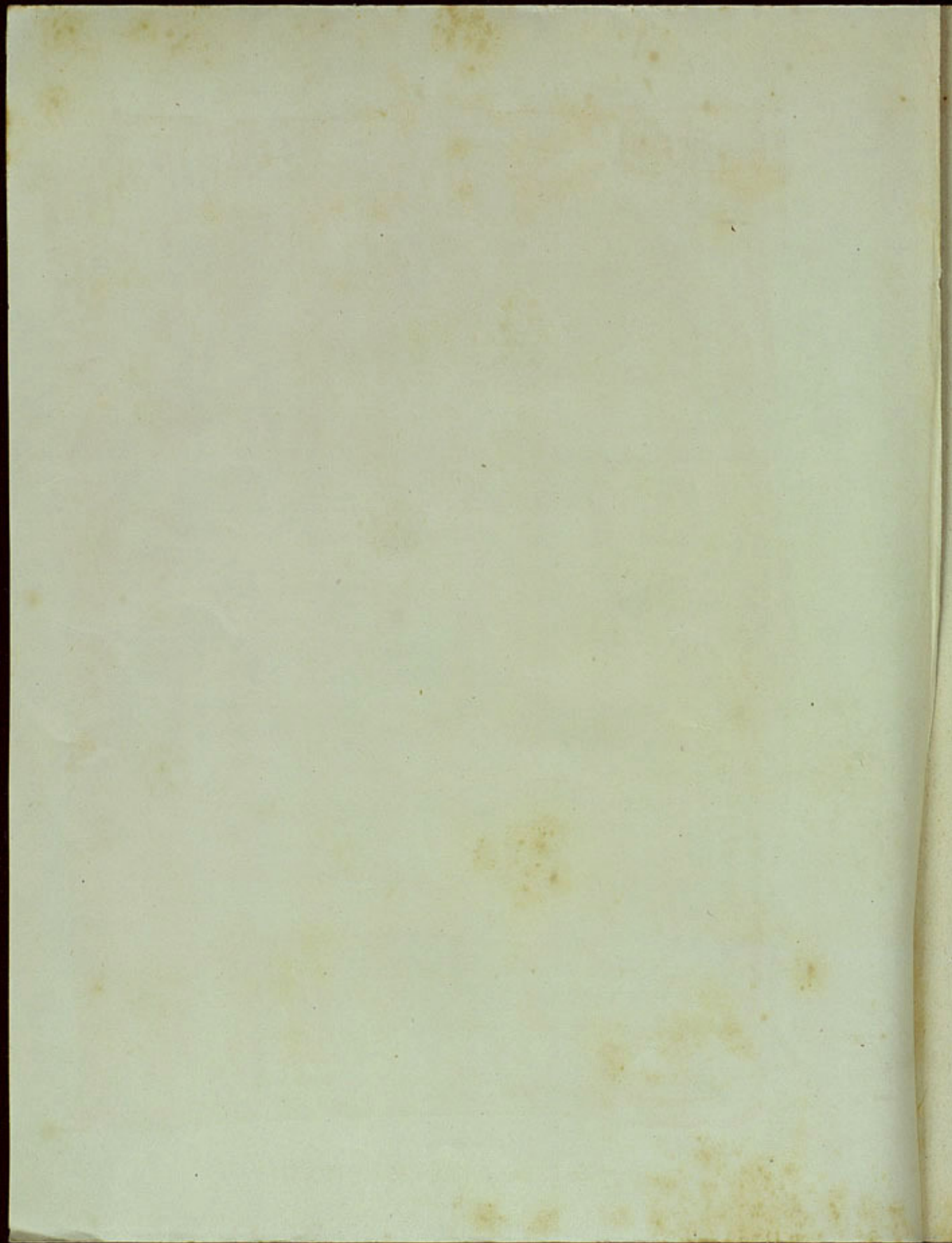
Do volume a saír: **ÁFRICA NOSTRA** — Edição da Coimbra Editora.





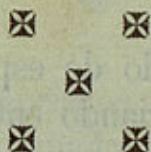
ESTUDO PARA UM RETRATO

Dr. GERMANO VIEIRA.



AFONSO LOPES VIEIRA

ARGEL



POR Cristo ergamos nas mãos
a cruz eterna da espada.
—Terra que foi de cristãos
mouros no-la tem roubada...

O destino mais cruel
mais vergonhoso, afinal:
—o cativoiro de Argel
em terra de Portugal!...

MÁXIMAS

A mulher é para o homem uma eterna fonte de inconsciente, e por isso mesmo uma eterna fonte de Arte.



Só o amor tocado de espiritualidade liberta a mulher e o homem, criando entre êles harmonia, em vez de servidão.



Nas épocas de decadência moral, quando a mulher não é para o homem mais do que um elemento de prazer, êle torna-se facilmente em escravo. Escravizam-se com freqüência um ao outro:—por lascívia ou por vaidade.



Reagindo contra os exagêros e a estreiteza da escola realista, escreveu Oscar Wilde *oportunamente*, uma célebre e brilhante *boutade* que intitulou « A decadência da mentira ». As bizarras teorias ali expendidas justificam-se e compreendem-se, desde logo, pelo intuito que visavam e pelo momento em que

foram lançadas. Mas certo snobismo inconsciente do nosso tempo, entretém-se, ainda hoje, a a repetir ao pé da letra, as frases paradoxais do singular e trágico escritor do « Dorian Gray » e do « De Profundis », na sua tola incapacidade de lhes atingir o espirito e o alcance.



Enquanto os caprichos de Luiz XV governavam o corpo da Pompadour ou da Du Barry, os caprichos delas, das favoritas, governavam a França.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO



Correa Calderon



O CANTAR DO GRILO

Canta, irmanciño.

Ti té a vountade.

Ti és incansabre com'o sapo do camiño e com'a rá da lameira.

Ti té a lira d'unha soia corda, a lira mais sinxela, i-en troques, o teu cantar é bruxo.

Por iso é mais dino de louba o teu cantare, co do papo-rubio, co dos aureoles, co do reiseñol...

Porque té unha soia corda namentras eles teñen total-as cordas d'harmunia...

Canta, irmanciño, canta...

UN CEGUIÑO

Canta homildade hai n-iste probe ceguiño que pide unha smola os que pasan!

Ten unha sorriso de bondade nos beizos. Ten a faciana barbada com'a d'un Evanxelista, un d'ises Evanxelistas de pedra das negras catedrals.

Pra que Deus lles dé todo ben...

As xentes da cibdá pasan sin ouvílo nin ollalo siquer.

Ali vén, ali vén... E unha rapaciña roiba, com'aquelas Virxes dos cadros do Frade Anxélico.

Védes como le dá um cartiño?

I-o ceguiño dille:

— C-o noivo a faga felis...

Ela pónse colorexada com'misas rosas roxas dos xardis no maio...

Ela pensará:

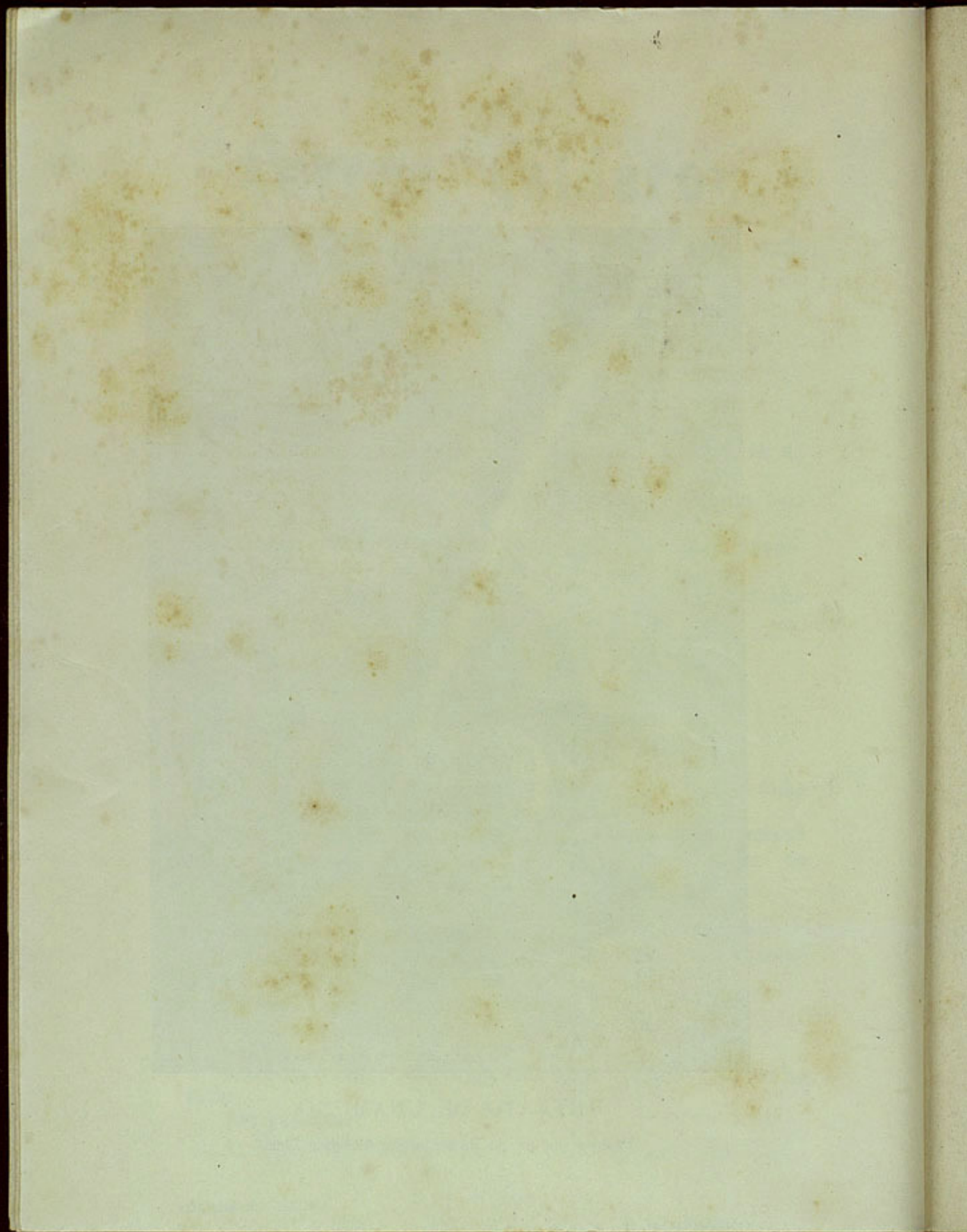
— Inda non teño noivo...



RETRATO DE UNAMUNO

Famosa pintura do ilustre artista Vasquez Diaz

(MUSEU DE BILBAO)



Se fosse tinta o meu pranto,
e papel a Imensidade,
meus olhos, pena d'encanto,
escreveriam: Saudade.

SAUDADE

a certa rapariga



(Desenho de Germano Vieira)

Saudade é como que um rio
d'um oceano de magua:
onde nasce, quase um fio;
quanto mais longe, mais agua.

*Partiste: e agora, ausente,
meus olhos são duas bicas
a correr d'uma nascente...
que se enche quando ficas.*

*¡Partiste nem sei já quando!
mas o que sei, meu Amor,
é que a vida vou levando
n'um desatino maior.*

Saudade é um incendio: aquece
toda a lareira apagada.
Saudade, meu Deus! é êsse
chorar por tudo... por nada...

*Partiste: ¿como hei-de agora
viver sem ti? á espera
que venha o tempo d'outrora
e me traga a Primavera?*

*¡Partiste de mim ha tanto!
¡ha tanto que piso abrolhos!
¿como enxugar o meu pranto
se o lenço foi nos teus olhos?*

Saudade é uma nevoa imensa
no mar do peito escondida,
mas que depois se condensa
nos olhos, p'ra toda a vida!

VALDEMAR LOPES

DIÁLOGO DO REI

E DO MENDIGO

O REI

Desço a escada de mármore do meu palácio e mando calar as fontes e os repuxos, para ouvir a canção dêste mendigo...

Canta... Canta... Lá em cima, ficou a Rainha louca, a gargalhar ante os espelhos, a rir, a rir e a soluçar, de pupilas em fogo, Tateando e abraçando o espelho por detrás, onde ela às vezes se mirava, extasiada de ternura maternal, com a Princesinha ao colo... a nossa Filha... — o dourado País do nosso Reino de amorosos, — que um destrôço brutal, numa invasão de fatalidade, nos arrebatou um dia para a morte... Canta... Canta...

O MENDIGO, acabando de cantar

— Perdoai Senhor! ; Também a Dor bateu à vossa porta? Erguei as mãos ao Alto para Aquele que vos feriu no fundo de alma...

A Dor é a ventania que sopra na fogueira e aviva o lume e retalha a chama em pétalas de flôr... Sem ela o espírito seria apenas barro informe, tronco de árvore sem raízes e sem fôlhas.

Sem a Dor não existiria humanidade. O Criador teria morrido dentro da própria criatura, esquecido de si mesmo.

A Dor é a Criação... É a Origem do abraço fraternal entre os homens que a vaidade das vaidades separou.

Vêde, Senhor: É pela Dôr que vós, o Soberano destes Reinos, sois irmão da minha alma, da alma dum mendigo que se curva para vós beijar os pés porque sofreis, mas não porque sois Rei.

CAMPOS DE FIGUEIREDO



Sôbre a pintura de Vázquez Díaz

Quando Vázquez Díaz expunha aos olhos ingénuos de Coimbra alguns dos seus quadros e desenhos, um dia, longe dêles mas lembrando-os, procurei entender esta pintura valendo-me de coisa natural que me dêsse uma imagem sintética. E achei. É possível que não passe de mais uma frase feita — por mim. Dá-me, contudo, ideia clara do que sinto ante os seus quadros — uma ideia com luz, porisso mesmo que é clara, e portanto picturalmente completa. Aqui, tenho ensejo de dizer a forma crítica que prefiro, e é, para cada arte das belas, os próprios meios e modos de a conceber e realizar. Agora, o achado:

Pensei na criança que se entretém no litoral, junto de certos cachopos, extraindo bolas de areúsko molhadas da água do mar. Á primeira vista parece que a tentação está na arcia. Talvez. Mas o que o menino mais deseja é o verme que lá está enroscado, pequenino, buliçoso e vivo. Transladando esta attitude, do brinquedo infantil para a tarefa do pintor, surpreendemos Vázquez Díaz, de pé, frente à paisagem, voltando-a com os olhos até lhe encontrar a *humanidade*. Não quiere isto dizer que êle só faça retratos no sentido técnico do género — máscaras; mas significa que a sua inspiração procura ânios no campo: seivas, não caules; germens, não pedras. Toda a floração das suas coisas de arte, de resto, abre no verdadeiro sentido, partindo de dentro para fora.

Ah! ; Como isto é tão mal comprehendido pelos fazedores de traços e olhadores da pintura! ; Como exigir côr na tela, igual à côr imediatamente visível, se esta, patente aos olhos de todos, não é mais que a vestidura caseira das gamas só perceptíveis a raros? Mal de nós — ou bem — se a luz que o sol esparze cobrindo as planícies e os montes fôsse a luz verdadeira, a luz ideal e grande. Porque então, pintor seria toda a gente que tivesse à mão uma brocha e um bom

sortido de anilinas. Mas não. O que é preciso é rasgar o véu exterior, o contôrno; — só em certos recantos, isto feito, a luz é rial e pictórica.

Depois, quem vê quadros precisa de ter muito tino para os não ver como um cego. Antes de tudo — desentulhar os olhos dos sedimentos de visões antigas. Depois — fitar, frente a frente, e buscar, um tudo-nada a dois terços em relação à tela, aquilo de côr e de ritmo que salta esquivo, raro em raro. ¿Porventura nos agrada um Primitivo pelo que êle é para nós? Ou não será em razão de que êle foi para o seu tempo que o admiramos e vemos?

Eu direi que Vázquez Díaz é o meu Pintor, sem que importe para tal eleição a sua qualidade pessoal de encanto, irresistível, natural e franca. O artista, ao contrário do político, não faz admiradores por sedução estranha à arte. Pelo menos a minha admiração deseja ser o meu mais incorrutível predicado.

Cubista, futurista, impressionista — ; quanto lhe terão chamado os corriqueiros e ineptos! — ignorando que Vázquez Díaz é apenas actual, progressivo — com tantas actualidades picturais quantos os seus dias de grande vida de arte, num caminho ascencivo e luminoso, seu calvário e capitólio.

VITORINO NEMÉSIO





CRÓNICA

ISTO

de crónicas, tarefa leve na aparência, é peor que o Dédalo! Só a escolha do género!

E o cronista, obrigado pela imperiosa exigência da direcção, vê-se por tantos assuntos assaltado que só com um automóvel *boa vontade* consegue escapar a tal pinhal d'Azambuja.

A Revista quer manter um carácter de independência, quer subir escadas. E se lá do alto uma sopeira diz que Fulano já está recolhido aos seus aposentos confortáveis do 1.º andar, a *Conimbriga* sobe, não desce as escadas às arrecúas, vai aos andares modestos, e se fôr preciso vai para o telhado fazer barulho, num à vontade de rapazote atrevido, porque é nova e não deve nem teme. Aqui se fará representar a comédia da *Crítica sincera*, o que pensarmos sôbre o que vai sucedendo no dia a dia das letras e das artes. O automóvel da *boa vontade* vai correndo, e se estiver o tempo sêco pode ser que faça poeira...

— Mas lembro-me agora de contar uma espécie de fábula; um sonho que andou comigo às voltas uma destas noites. Pode ser que gostem.

Coimbra estava em festa. Balões e bandeirinhas engalanavam uns arcos triunfais de papelão, aí pelas ruas. Ao Mondego chegavam grandes náus de alto luxo, carreando gentes estranhas, convidados de qualidade. Vinha uma de Alcabideche,

outra da Libéria, outra de Cebolais de Cima, da Cochinchina, etc. Delas iam desembarcando, num exotismo exuberante, uns sujeitos divertidos que um patriarca de pera pintada a branco, ex-diplomaticamente recebia com aparatoso sorriso de boas-vindas. Havia barulho de gaiteros e os foguetes estralejavam bastos. A grande filarmónica de Taveiro, a segunda em categoria musical depois da do Cabreira, dava a nota requintada de arte no cortejo. E eu não percebia nada do que os meus olhos viam. De repente anoiteceu, e achei-me num vasto salão onde tudo era triangular e *fox-trott*. Ao cimo, sôbre um estrado, uns senhores imponentes com fardas de chita de Alcobaça, pitadeavam fastidiosamente o seu rapé. Rodeavam uma grande meza. Lembrei-me então de perguntar se iam engulir algum banquete monstro. Que não, informaram-me.

Êsses cavalheiros, tão pouco *criados de mesa*, iam servir-nos um lauto banquete intelectual. Eram intelectuais, os maiores da província.

No meio estava um bonito, de ceroulas de malha, perfumado, Monsieur X, que começou a sessão com um discurso de Houbigant. Queria ressuscitar os mortos, mas adormeceu muitos vivos depois de lhes proporcionar, com os simpáticos chinelos de ourelo que ostentava nas orelhas, uma boa pançada de riso. Um rapaz, cara rapada e caco no olho, diz versos patrióticos misturados de burocracia ministerial. O almirante Rato, ressuscitado pelo discurso de abertura, bradou do seu cantinho, numa voz de cana rachada — Bravo!

Como prato do meio temos uma ave de maus costumes, que dando largas à sua paixão inconfessável por uma representante do *Asinus domesticus L.*, diz o elogio da parrelha:

*Acariciou meu rosto a bicharia vária,
Mas só me derreti aos pés desta alimária.*

*Uma búrra ideal, paixão de mil jumentos,
Desde os de fina albarda até aos lazarentos.*

.....

Mas nisto um *melro* vai direito ao ninho, e exalta-se. Vem dos pinhais, encasacado, em blandícias. Em tempos fechou o talento num cofre e ficou dentão para cá a remirar-se no brilho doirado da chave.

Um outro, fala bem através dos óculos de lata, diz coisas bonitas e tem linha...

.....

Olhei em roda: tudo dormia. E eu adormeci também, acordando para o mundo.

Abençoadas delegações de Alcabideche e Cebolais de Cima!

GOMES D'OLIVEIRA

